

O EXÍLIO DO SAGRADO: ENSAIOS DE ÉTICA SOCIAL E BÍBLICA

Nerlito Rui G. S. Neves Junior*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade expor algumas reflexões acerca da ética na sociedade, sob o ponto de vista filosófico-teológico, dando enfoque à sua importância, poder e manifestação no ambiente social, político, bem como nas Sagradas Escrituras. Para encampar a temática a ser abordada no presente artigo se buscará trazer à baila algumas considerações acerca do comportamento do ser humano no ambiente grupal, sob o ponto de vista dos valores morais, em meio às transformações sociais do mundo atual. Desta forma, o pano de fundo terá como aspecto principal a visão ética social, política e bíblica do homem dentro do recinto em que vive. Para maior reflexão e provocação da discussão, o aspecto principal a ser abordado será a de se tentar responder à indagação de o ser humano, hoje, viver ou não em um ambiente ético e, partindo do Evangelho de Marcos, qual a contribuição que a Sagrada Escritura poderá dar nesse contexto.

Palavras-chave: Ética Bíblica. Social. Política.

Abstract: The present article has for purpose to bring some reflections concerning the ethics in the society, under the philosophical-theological point of view, giving approach to its importance, power and manifestation in the social environment, politician, as well as in the Holy Writs. To expropriate the thematic one to be boarded, in the present article one will search to bring to argument some appreciation concerning the behavior of the human being in the group environment, under the point of view of the moral values, in way to the social transformations it current world. In such a way, the purpose will have as main aspect the social ethical vision, Biblical politics and of the man inside of the enclosure where it lives. For bigger reflection and provocation of the quarrel, the main aspect to be boarded will be of if trying to answer to the investigation of the human being today to live or in an ethical environment and not leaving of the Mark Gospel, which the contribution that the Sacred Writing will be able to give in this context.

Keywords: Biblical Ethics. Social. Politics.

* Doutorando em Direito pela Universidade de Salamanca, Espanha; Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST; Especialista em Relações Internacionais pelo Centro de Estudos das Américas da Faculdade Candido Mendes do Rio de Janeiro; professor do curso de Direito das Faculdades de Vitória - FDV.

Introdução

Ninguém ousaria contrariar a assertiva de que os seres humanos sempre viveram e ainda viverão por longo tempo em ambiente de perene e profunda mudança. Para além desta afirmação está a idéia de que nesse quadro de mutação considerável, o indivíduo vem traçando mecanismos efetivos de busca de novos paradigmas.

Soam, não muito raro, as vozes afirmando que os seres humanos vivem num tempo de extrema metamorfose de conceitos morais e éticos. O viver para o bem ou para o mal são aspectos da conduta e da vida dos seres humanos que vêm se tentando analisar desde os primeiros estudos feitos na passagem da Idade Antiga para a moderna, quando o homem sai em busca dos métodos científicos ideais de plena felicidade. Portanto, não é de hoje que estudiosos analisam o comportamento homínide, seja em sua essência interior, isto é, no consciente comportamento junto a seu semelhante ou no relacionamento consigo mesmo, seja até mesmo na sua relação com o sobrenatural ou divino.

Contudo, ao longo de sua existência, esse conjunto de reações do indivíduo aos estímulos, vem sofrendo mutações, levando ele próprio – o homem – a uma auto-reflexão, a uma autocrítica.

Quão freqüentes têm sido as indagações de que o mundo moderno¹ vem apreciando a banalização do sagrado em dias de caos na volúpia sexual. Têm sido observadas, amiúde, as assertivas de desalinho em reversão de valores no desrespeito da família. Sucessivas vozes vêm ratificando a embriaguez fortuita das ações políticas dos representantes da sociedade em esgares simiescos dos seus representados: o próprio povo e destinatários de seus feitos.

Acaso não viveríamos hoje a reafirmação do profano?

Esse debate vem se registrando com muita frequência por parte de estudiosos do assunto espalhados pelo mundo acadêmico. No Brasil não tem sido diferente e em muitos ataques às mazelas por que passa nosso país, de economistas a teólogos, há uma convergência de posicionamentos afirmando que a crise brasileira é de caráter, ou seja, ética. É nessa toada que o presente artigo tem por finalidade fazer uma singela abordagem sobre a ética na sociedade, do ponto

¹ Esta nova era, ou nova época, constantemente vem sendo chamada por estudiosos do assunto de "pós-modernidade".

de vista filosófico-teológico, dando enfoque à sua importância, poder e manifestação no ambiente social, político e na Sagrada Escritura.

1- Ética: o princípio, as origens

Antes de se adentrar ao ponto de partida proposto no presente trabalho monográfico, seria importante reconhecer o princípio ou a procedência dos valores, critérios e normas éticas, nas sociedades hominídeas.² A palavra Ética³ é expressão terminológica que vem sendo objeto de estudo há algum tempo. Esse vocábulo, hodiernamente, está sendo aplicado em vários setores de nossa sociedade; tanto na economia, da política, no mundo dos negócios como também na teologia.

O tema central deste estudo, ou seja, a "ética", no seu sentido etimológico, advém do grego *ethos* (modo de ser, caráter), que, por sua vez, tem a sua correlação com o latim *mos* ou "*mores*" (costumes, de onde se derivou a palavra moral), com igual significado. Desse aspecto etimológico é possível notar, portanto, que *ethos* e *mores* querem dizer conduta, ou mesmo relativo aos costumes.

As normas, os critérios e os valores éticos foram se configurando, paulatinamente, durante um processo sócio-dinâmico de extrema complexidade, ocorrido nos grupos dos seres humanos. Pouco a pouco as necessidades vitais e interpessoais foram se manifestando, criando princípios que orientaram critérios regulatórios das ações praticadas pelos indivíduos. Daí a assertiva de que as normas e regras éticas terem se sedimentando com o tempo, ao passar dos séculos.⁴

Esse processo lento culminou na adoção de princípios e valores que podem ser considerados universais, comuns aos indivíduos, independentemente de sua estirpe, cultura ou religião⁵.

² A concepção histórica que aqui se propõe não tem cunho analítico-pormenorizado, sendo apenas um breve estudo situacional.

³ Inicialmente é importante explicar que ética não é sinônimo de moral. Aqui a abordagem ética seria apenas enquanto fundamento da moral.

⁴ KÜNG, Hans. **Ética mundial en America Latina**. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna. Madrid: Editorial Trotta, 2008. p. 25. Traducciones de Gilberto Canal Marcos, José Manuel Lozano Gotor, Carlos Martín Ramírez, Alejandro del Río Herrmann y Rufino Velasco.

⁵ Tomam-se como exemplo, apenas para citar alguns, a justiça comum para crimes contra a vida, a deferência aos mais velhos, a proibição da união entre parentes consanguíneos e afins, o respeito ao meio ambiente.

Importante ainda frisar que esse conjunto de fundamentos, importantes para a convivência do ser humano em sociedade, foi influenciado, em determinados momentos históricos, pelas escolas filosóficas. Nesse complexo *modus vivendis*, o ser humano sentiu a necessidade de conhecer a si mesmo, de estudar as suas próprias ações, sua realidade, seu modo de agir, os valores morais e éticos que os orientavam, de acordo com a noção do bem e do mal⁶, em busca da sua plena felicidade.

Com isso, os critérios valorativos, relacionados ao comportamento humano, foram sendo assimilados, levando em consideração a realidade vivida em cada comunidade e épocas diferentes.

Desta forma, é cabível dizer que os valores éticos foram sendo construídos de acordo com o quadro cultural vivido pelo ser humano ao longo de sua existência.

Não seria "ético" deixar de frisar que grandes nomes da escola filosófica e teológica surgiram nesse contexto. Pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles, os Estóicos e alguns da escola cristã (Patrísticos, Escolásticos e Nominalistas), teólogos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, acabaram por influenciar, posteriormente, estudiosos de importância acadêmica no assunto como Spiniza, Voltaire, Kant, Hegel, Kierkegaard, Nietzsche, Marx, Paul Tillich, Bonhoeffer e tantos outros.

Seguramente a questão central do tema seria a de saber se o quadro de valores éticos dos primeiros séculos, e o visto hoje no mundo, pode ser considerado igual. Quiçá não seria o desejável, ou imaginável, pelo e para os seres humanos, levando-se em consideração, na atual fase pela qual passa a sociedade, a anomalia ou crise de conceitos que vivem.

2- Ética e sociedade humana: A (re)afirmação do profano?

O homem tem a necessidade de segurança, de se alimentar, de se vestir, de aprender, de ultrapassar as fronteiras territoriais em busca de algo novo, transcendental. São aspectos naturais, inerentes aos seres humanos na

⁶ Sobretudo na filosofia grega onde os grandes pensadores criam para depois entender.

relação com Deus e com o próximo, em busca da plena felicidade.

Fabio Konder Comparato, preocupado com a boa evolução dos seres humanos, diz que a felicidade é a recompensa de um esforço constante e bem orientado.⁷ A sociedade humana foi divinamente programada para viver em comunidade. Aristóteles, analisando o ser humano, destacou que a *politikozoon* (a pessoa humana), tem em sua essência o convívio em conjunto com seus semelhantes.⁸ Muito embora na concepção aristotélica o convívio do ser humano em agrupamento social seja inerente aos indivíduos, é aparente a heterogeneidade vista nas castas e nos cantos onde o homem se encontra reunido.

A formação de uma sociedade, ou de um Estado⁹, portanto, depende das necessidades do grupo de indivíduos que o compõe, ou seja, da língua, dos costumes, da cultura, dos mandamentos jurídicos, da política, dos valores morais e éticos e, com especial atenção a esse artigo, da religião.

Somos criaturas dependentes de Deus, pois ele, em seu infinito amor e misericórdia, tudo criou (Gn 1) e a criação é a razão de todos os seus projetos salvíficos, que deságua nas chagas de Jesus Cristo. O indivíduo não pode afastar-se do amor de quem o gerou.

Quando o homem se separa de Deus, na perda da noção do bem e do mal, ao cometer injustiças, no desamor, ao fazer o semelhante sofrer, há um choque de conflito de idéias ou ideais dentro da sociedade que culmina por provocar o rompimento dos laços de valores, que Dietrich Bonhoeffer chama de desintegração do ser humano em relação a Deus.¹⁰ Esse teólogo alemão expõe que nos dias de hoje a sociedade tem vivido em meio a canalhas e santos, em plena luz do dia e o que num passado não muito distante era admitido apenas como pecado da fraqueza do homem, onde o criminoso, quase que invisível, era visto com violenta impressão de repulsa pela sociedade, atualmente não há a mesma censura ao *ethos*¹¹, razão porque o ser humano hoje ajusta o mundo ao seu querer: para o bem ou para o mal.

⁷ COMPARATO, Fabio Konder. **Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 17.

⁸ BERLOFFA, Ricardo Ribas da Costa. **Introdução do Curso de Teoria Geral do Estado e Ciências Políticas**. 1.ed. Campinas: Bookseller, 2004, p. 31.

⁹ Quando se fala em sociedade de Estado, considera-se a de âmbito interno, cada um em seu conjunto estrutural politicamente organizado.

¹⁰ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 20.

¹¹ BONHOEFFER, 2005, p. 41.

Não é falácia a assertiva de que a crise vivida pelo ser humano nos últimos tempos tem, no seu pano de fundo, a mentira como regra, o ódio como sentimento digno, a discórdia como meta para galgar posições sociais, a difusão do individualismo, a aceitação, sem crítica, de uma ética do sucesso a qualquer preço, do levar vantagem em tudo; culminando por desaguar em desafortunadas situações de depravação moral e corrupção do indivíduo, no clientelismo, na demagogia, no oportunismo.

Dentro desse contexto catastroficamente crítico, é possível se observar um quesito se contrastar: a abjuração do divino, assunto que será objeto de maior atenção no presente artigo. Em todos os setores da sociedade – no educacional, no político, no econômico, no religioso – é notória a necessidade de mudança de comportamento humano, rumo às novas posturas de conscientização acerca da importância de uma conduta ética, a partir de um pluralismo cultural, étnico, religioso, crescente a cada dia, em função da chamada era da globalização.

Num período em que se vive às voltas com problemas de base, de conteúdo moral, não raramente ligados a preconceitos raciais, aversão homossexual, intolerância religiosa, que ainda não foram superados dentro dos agrupamentos humanos sociais classistas, a consequência mais óbvia seria o conservadorismo irreflexivo dos valores éticos, o afastamento dos planos preparados por Deus para o homem; a isso se poderia chamar de (re)afirmação do profano.

Nesse prisma, são prudentes e realistas os posicionamentos de Bonhoeffer, quando afirma que o fanatismo ético sempre erra seu alvo, mesmo que a serviço dos mais elevados valores da verdade ou da justiça e, mais cedo ou mais tarde, se atirando ao pano vermelho, como faz o touro, sucumbirá ao mal, ao lançar-se à rede do adversário mais inteligente.¹² Nesse diapasão, é bastante comum se constatar, no âmbito social, dois aspectos que vão apoiar, consolidar, ou porque não dizer, ratificar o profano¹³: a) a inversão de valores com a depravação total do imoral e do antiético; b) a renúncia completa aos conteúdos primitivos da fé.

¹² BONHOEFFER, 2005, p. 42.

¹³ É possível observar nesse contexto a presença de duas vertentes que corrompem a cadeia central que alimenta a estrutura de critérios valorativos do indivíduo.

Quicá estariam as pessoas mais sensíveis às coisas mundanas, em completa harmonia, felizes mesmo, afinal ninguém precisa ter uma religião ou crer em Deus para viver. Entretanto, a indagação seria se elas estariam plenamente realizadas.

Muito embora as pessoas possam se divertir sem ver além do visível, sem uma preocupação com o transcendental, caem equivocadamente em erro aqueles que supõem que felicidade é comer bem, viver com saúde, não enfrentar problemas, não encontrar os caminhos do sentido, conforme entende o grande teólogo brasileiro Jaci Maraschin.¹⁴ O que isso tem a ver com a questão de valores éticos e qualidade moral do indivíduo? Tudo.

Nos dias de hoje, em que a honra, o pudor, o embaraço, são barganhados por meia dúzia de favores ou ínfimos valores pecuniários, o resultado seria a digressão cada vez maior do espiritual ou transcendental, em detrimento do plano material e individual e, a tendência, portanto, não seria outra senão a apostasia dos valores éticos.

Tem razão Fabio K. Comparato quando diz que mesmo desgastada pelo uso corriqueiro, que a transformou em expediente retórico e vazio de significado real, mais do que nunca, a ética ainda desempenha um papel fundamental para a preservação da vida do ser humano na terra.¹⁵

Não seria justo admitir que aos que desejam buscar a felicidade exclusivamente sob os auspícios do desejo carnal – ainda que de forma inconsciente – principalmente as de cunho individualista, venham atropelar condutas e valores naturais impreteríveis, que devem permear a vida do ser humano. Uma vez isso ocorrendo, certamente não estariam os “beneficiários” pensando no altruísmo, na caminhada segura em direção a graça de Deus.

O não assumir a responsabilidade pelo semelhante seria, para todos os seres racionais viventes, o equivalente a distanciar-se da glória do infinito (portanto, de Deus), como dizia Emmanuel Levinas, e o infinito está no rosto do semelhante, na própria significância ética, pois, “quanto mais justo é o homem mais responsável se torna.”¹⁶

¹⁴ MARASCHIN, Jaci. **O Espelho e a Transparência. O Credo Niceno-Constantinopolitano e a teologia latino-americana.** Rio de Janeiro: Coleção Protestantismo e Libertação, 1989, p. 23.

¹⁵ KOMPARATO, 2006, p. 1.

¹⁶ LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito.** Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70. Lisboa, 2007, p. 87.

Se são dependentes de Deus, os seres humanos têm que se submeter às suas normas, em especial as de condutas morais e éticas que pautam os mandamentos da fé que professam, sem ser corrompido pela vida profana do meio ou até mesmo corromper sua vida religiosa.

Mesmo diante de todo o quadro aparentemente profanado, há que se admitir que, humanos que são, os indivíduos não passam de seres pecadores, disso todos tem que se conscientizar. Ninguém cumpre com seu dever de santidade todos os dias, todos os instantes de sua vida.

Por isso que, sob os aspectos dos valores éticos que aqui se pretende estudar, nem tudo pode ser considerado como trevas.

3- Sociedade e ética política: o exílio?

Os sermões do Padre Antônio Vieira são tão atuais quanto os discursos calorosos dos políticos dos dias de hoje, mesmo tendo sido discursados no Século XV. A diferença está no conteúdo lógico e na eloquente e sincera forma de pregar.

No Sermão do Bom Ladrão¹⁷, por exemplo – que foi dedicado exclusivamente aos Reis e aos “poderosos” da época – Padre Antônio Vieira, partindo da passagem bíblica do Bom Ladrão que foi levado por Jesus Cristo ao paraíso (Lucas 23, 39-43), oferece aos ouvintes o entendimento de que, pior do que os larápios, seriam os poderosos que diziam persegui-los, mas que eram mais criminosos que eles. A certa altura o pregador assevera que “o roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder fazem os piratas, o roubar com muito, os reis”.¹⁸

Qualquer semelhança e aplicação do discurso do Padre Vieira aos dias de hoje não seria uma mera coincidência, haja vista que o conteúdo dos seus sermões é atemporal.¹⁹ Não é equivocado o entendimento de que o mundo vive hoje em

¹⁷ O Sermão do Bom Ladrão foi pregado na Igreja da Misericórdia, em Lisboa, pelo Padre Antônio Vieira, em 1655, tendo como ponto de partida o evangelho de Lucas, 23, 39-43. O discurso é como um alerta aos ouvintes acerca da questão de como os Reis poderiam levar os ladrões ao paraíso ao invés de serem levados por eles ao inferno.

¹⁸ VIEIRA, Padre Antônio. **Sermão do Bom Ladrão e outros sermões escolhidos.** Seleção e introdução de Frederico Barbosa. 3. ed. São Paulo: Landy, 2003, p. 42.

¹⁹ Padre Antônio Vieira pregava sobre diversos temas como corrupção e ladroagem, o respeito pelo outro e pela retórica, a capacidade de convencimento do político, comportamento ético, dentre tantos outros que passaram para a história. VIEIRA, 2003, p. 12.

meio à profanação do divino. Jamais se viu na história política, até então vivida pelo homem, tantas pessoas públicas, representantes do povo, sendo manchete em coluna policial de jornais, revistas, internet e programas de televisão, por desvio moral e conduta antiética.²⁰ Não há como negar que vivemos em meio a uma desordem social, em plena subversão de valores morais e éticos.

Nesse ambiente político, o problema parece que se agrava ainda mais quando se fala em países periféricos e emergentes, sobretudo em sociedades como a brasileira. Quantos casos são presenciados aqui envolvendo políticos que usam a fé devocional para se promoverem pessoalmente? Quantos deles usam o poder para tomar de assalto os cofres públicos em enriquecimento ilícito, ao invés de buscarem a solução de tantos problemas graves que afligem a sociedade? Acaso esse atuar faz parte da política ou é inerente aos políticos? Qual seria o papel das religiões nesse assunto?

No posicionamento clássico, oriundo das idéias de Platão e Aristóteles, ética e política são duas ciências não antagônicas, são duas partes inseparáveis de uma única disciplina.²¹ Na Suma Teológica, São Tomás de Aquino, citado por Berloff, ensina que "o homem é, por natureza, animal social e político, vivendo em multidão, ainda mais que todos os outros animais, o que se evidencia pela natural necessidade."²²

Quando se fala em sociedade (humana) parte-se do pressuposto básico de relação de dependência e/ou subordinação dos membros que a compõe, uma espécie de necessidade natural. Sua permanência, portanto, depende de uma comunhão de interesses assumida por cada componente, no exercício de suas funções. Nela, todos os integrantes são importantes, na medida em que, no desempenho de suas obrigações perante um todo, participam do crescimento social.

Dentro da sociedade política é importante identificar três instituições que são tidas como pilares ou viga mestra: a) a família (instituída por Deus ao criar o homem e a mulher); b) o Estado (enquanto instituição soberanamente organizada de forma política, social e jurídica, dentro de um território determinado e aos auspícios de uma norma constitucional

²⁰ Aqui se fala especificamente naqueles políticos que se dizem "religiosos" que vem sendo flagrado em ações ilícitas. Entre as condutas estão a prática de crimes de sonegação fiscal, lavagem de dinheiro, pedofilia, etc; sem falar nos grupos que montam bancas para fazerem "descarrego" em centro de cidades.

²¹ MANSON, Thomas Walter. **Ética e o Evangelho**. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 12.

²² BERLOFFA, 2004, p. 35.

escrita, dirigida a sua população) e; c) a Igreja (enquanto comunidade, povo reunido em profissão de fé).

Quando se fala em sociedade política, tem que se dirigir as atenções à atuação participativa dos seus membros dentro da organização. Aqui se está falando, portanto, na hierarquia de valores contida nessa mesma estrutura, no modo pelo qual as decisões políticas são tomadas, nos efeitos sociais das ações políticas empreendidas na organização, nas relações político-sociais em relação a outros setores sociais.

Outro detalhe também merece atenção destacar: o exercício de poder na política. Política não é o mesmo que exercício de poder. Nela o poder pode emanar de diversas formas, muitas vezes sem qualquer preservação de valores universais, como os morais e os éticos. Nesse caso, sua exteriorização tem o condão de influenciar mais o comportamento das pessoas do que aproximá-las da justiça.

Não obstante, política e poder andarem de mãos dadas, o poder na política, muitas vezes não está associado à legitimidade. Na maioria delas, a política muito mais age sobre uma conduta do que legítima autoridades, quando na verdade deveria ocorrer o contrário. E isso acontece quando há interesses individuais ou particulares em jogo que, direta ou indiretamente, tendem a persuadir ou macular um poder legalmente constituído.

Criticando o Estado, retrata Baruch Spinoza que no exercício de poder estatal verifica-se que os cidadãos já não são mais livres, na medida em que estão submetidos às leis ditadas pelo próprio ente. As ordens emanadas pelo Estado têm que ser cumpridas, visto que é dever de todo cidadão. Em razão disso, o povo não tem o direito de decidir acerca de quais atos são eqüitativos e quais devem ser admitidos como iníquo, moral ou imoral.²³

O imperialismo muda completamente o significado de liberdade. Jorge Bush quando ataca aqueles que considera uma ameaça ou qualquer país que possa se converter em uma potência militar, não o faz em nome do povo americano, mas como se Deus fosse, para que o mundo conheça a força estadunidense e o perigo de aniquilamento.²⁴

²³SPINOZA, Baruch. **Tratado Teológico-Político. Tratado Político**.4. ed. Madrid: Tecnos, 2007, p. 158. Estudio preliminar y traducción de Enrique Tierno Galvan.

²⁴ TAMAYO, Juan José; FARÍÑAS, María José. **Culturas y Religiones en Diálogo**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007, p. 66.

Nesse contexto, portanto, é importante que o indivíduo não vergaste o poder concedido pelo povo aos que legitimamente ocupam um cargo político. Por essa razão, todo aquele que é investido do poder que lhe fora reconhecido de forma legítima, deverá exercê-lo como um serviço, não como uma imposição aos seus subordinados.

Com efeito, segundo as ordens advindas do criador, quem quer ter autoridade²⁵ entre os seres humanos deverá tornar-se, antes de tudo, verdadeiro servidor, a exemplo do que fez Jesus Cristo, vindo ao mundo não para ser servido mais sim para servir, dando sua vida como resgate em favor de muitos (Mt 20,26-27). Nota-se, destarte, que um dos principais objetivos do poder exercido pelas autoridades – as chamadas “públicas” – seria, então, a manifestação clara e direta dos princípios e valores morais e éticos na sociedade, principalmente a verdade, a justiça e o amor.

Isso serviria como exemplo de exercício da responsabilidade dos seus subordinados, aspectos típicos de uma ordem social igualitária e democrática. Dentro dessa ordem ou modelo, naturalmente herdado pelo Espírito criador²⁶, os que estariam sujeitos às autoridades teriam em seus superiores verdadeiros representantes de Deus na terra, como em 1Pedro 2,13.16: “submetam-se toda criatura humana por causa do Senhor... Comportem-se como homens livres, não usando a liberdade como desculpa para o mal, mas como servos de Deus”.

Em qualquer tipo de política limitada exclusivamente a interesses individualistas, particulares, ilícitos, imorais, antiéticos, o resultado não seria outro senão o rompimento com o divino. Todavia, o quadro aristotélico ainda persiste nos dias de hoje na sociedade, na medida em que a maior parte dos homens, não se desgarrou do desejo de exercer um poder absoluto sobre muitos.

Mesmo vivendo em meio ao brado de liberdade, igualdade e fraternidade, ao lado desse pleito caminham os protestos por uma sociedade mais consciente dos princípios éticos e, conseqüentemente, organizada de forma verdadeiramente democrática, livre das mazelas e do poder carnal.

²⁵ Os bens e valores éticos são sempre submetidos a uma ordem hierárquica e em hipótese alguma se poderá sacrificar um bem de maior valor para se alcançar uma finalidade menos valiosa. COMPARATO, 2006, p. 504.

²⁶ Expressão usada por Fabio Konder Comparato ao falar sobre os princípios éticos sobre os aspectos teológicos. COMPARATO, 2006, p. 499-500.

Democracia é antônimo de imoralidade, antiética. Nos tempos vividos pelo ser racional, não há mais lugar para políticos ímprobos, vindo ele de qualquer parte ou setor da sociedade. Os grupos sociais, a cada dia, vêm empunhando o estandarte da democracia, da verdadeira democracia, como símbolo de esperança, na medida em que nesse tipo de regime, o exercício de poder não é encarado como mecanismo de repressão, mas sim reformista, sem domínio arbitrário, mais transparente, por conseguinte, ético.

No mundo Pós-moderno do Século XXI, a política deve ser sempre repensada, principalmente no que tange aos aspectos dos valores e bens da humanidade. O Estado já não pode ser mais considerado o mesmo. Afasta-se o "Estado de Direito" e caminha-se a passos largos em direção ao "Estado Social de Direito". Nele se garante maior liberdade e a dignidade da pessoa humana, como direitos inalienáveis e como mecanismo de informação e controle sobre o que os representantes do povo fazem, evitando, assim, o abuso de poder, a infidelidade ao próximo, a quebra dos princípios éticos fundamentais.

Muito embora inúmeros autores tratem a questão dos valores morais e éticos sob o aspecto racional, é importante que se mantenha sempre os olhares fixados também para que o reconhecimento desses valores se dê também pelos sentimentos. Isso não é subjetivismo. Como Comparato que ensina: "os valores são qualidade do ser, mas que só existem para os homens; são, portanto, realidades intencionalmente humanas."²⁷

4- Ética bíblica em Marcos 12,28-34: a resposta, o modelo

Sem querer adentrar na minudência de sentido interpretativos da Sagrada Escritura, o objetivo no presente tópico é de expor apenas algumas respostas acerca da visão ética apresentada pelo Livro Sagrado, tendo como ponto de partida o evangelho de Marcos.

Segundo Spinoza, "tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido."²⁸ Se verídica for a afirmação do autor, verdade então será a de que é no documento que tem como autoria o Deus infinito e

²⁷ COMPARATO, 2006, p. 508.

²⁸ SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Edição Bilingüe Latim-Português. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 31. Tradução Tomaz Tadeu.

criador, a Sagrada Escritura, que o homem efetivamente encontra os desígnios de sua vida.

Inspirado pela ação ou orientação do Espírito Santo, o Livro Sagrado apresenta mais do que respostas às questões lançadas pelo homem, aponta também os caminhos, em meio às dificuldades que a vida apresenta à sociedade, ou seja, conduz à salvação pela fé em Deus.

Em Timóteo, pode-se perceber que "toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra." (2Tm 3,15-17)

Mas a ação do Espírito, epistemologicamente falando, tem como escopo garantir a conveniente interpretação da Escritura, a fim de não consentir que a palavra de Deus "se torne 'letra morta' (2Co 3), ou seja, conduza os/as intérpretes não à verdade, mas à *verdadeira conduta* em conformidade com a vontade de Deus."²⁹

O exemplo da postura adotada por Pôncio Pilatos, procurador romano na Judéia durante o reinado de Tibério, mais especificamente no episódio do julgamento de Jesus Cristo, talvez seja importante para se analisar sob o ponto de vista da conduta adotada pelo representante do poder romano, no caso em questão.

A condenação de Jesus Cristo demonstrou não apenas a incompetência do Estado para lidar com casos que não eram previstos no ordenamento burocrático interno do governo romano³⁰, mas também todo um jogo político baseado em alianças e mentiras, que deságua no confronto entre fé cristã e poder estatal.³¹ Qual seria a relação que esse evento guarda com a questão dos princípios e normas éticas? Tudo.

Ao lavar a mãos para tentar fugir de sua responsabilidade, Pilatos tenta tirar o peso da decisão de sua consciência e atribuir a culpa à multidão de judeus que clamava pelo sangue de Jesus Cristo.

Conforme se pode observar, mesmo no exercício do poder que lhe fora concedido pelo Império Romano, a conduta de Pilatos ao optar por não seguir a Cristo, significou a

²⁹ ZABATIERO, Julio. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005, p. 34.

³⁰ O episódio demonstra toda a incongruência de um procurador romano que condena um profeta judeu, em um país judaico, sem o consentimento do próprio povo.

³¹ MARASCHIN, 1989, p. 143.

apostasia dos mandamentos (valores) da lei divina, ou seja, o rompimento com a Sagrada Escritura, conseqüentemente, com Deus.

Em Marcos (12,28-34) constata-se Jesus Cristo respondendo aos escribas acerca do que seria o centro da vida do homem: "O senhor nosso Deus é o único Senhor! E ame ao Senhor seu Deus com todo o coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. Ame ao seu próximo como a si mesmo."

É possível reparar que os discursos dos dois judeus, dizem respeito à proposta judaica para a conduta de vida, tendo como ponto central a possibilidade de encontrar, na norma, algo compreensível que pudesse sintetizar todo código de conduta humana.³²

Jesus mostra não apenas os dois princípios fundamentais na vida de qualquer pessoa, como mandamentos que precedem sobre todas as outras ordenanças, ou seja, reconhecer o Senhor como único, amando-o de todo o coração, de toda alma e força; mas também manda amar ao próximo como a si mesmo (Levítico, 19.18).

Mais do que isso, aos dois mandamentos principais dado pelo Pai, Jesus acresce, como complemento, um novo: "Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros" (Jo 13,34).

Repare que a observação de amar "como eu vos amei...", seria a confirmação da ética de princípios, o que Manson aponta ser "a característica e a marca genuína da ética do evangelho."³³

Dentro do entendimento apresentado pela Sagrada Escritura, é possível perceber que, sob o ponto de vista axiológico, os princípios éticos como normas objetivas, guardam uma correlação com as subjetivas, tendo como objeto apontar para uma meta final da conduta do indivíduo na sociedade.

Conforme expõe Comparato, esses princípios éticos são fundamentados em um único: no respeito à dignidade da pessoa humana. E é em "todas as dimensões da pessoa humana que atuam os princípios cardeais da verdade, da

³²Manson destaca que alguns autores têm proposto, com freqüência, que esses dois mandamentos sejam a quinta essência da ética cristã, na medida em que resumem o completo dever de um cristão, pois, foram escolhidos pelo próprio Jesus Cristo, portanto por Deus, como prioridade sobre todos os outros. MANSON, 2003, p. 53.

³³ MANSON, 2003, p. 54.

justiça e do amor, desdobrados nos da liberdade, igualdade, segurança e solidariedade.”³⁴

Por essa razão, quando Jesus de Nazaré diz aos escribas para amar ao próximo com a mesma força e intensidade que Deus quer, como o fez (seu “Filho”), ele quer dizer que, quanto mais próximo desses mandamentos estiver o homem em sua vida diária, menores são os danos que pode ocasionar ao seu semelhante. Essa seria, então, a verdadeira ética humana³⁵ ou a ética do reino de Deus.

Os princípios e valores éticos seriam, com efeito, os que o homem consegue encontrar da busca incessante do amor, da verdade e do bem; na busca, portanto, pelos mandamentos divinos, e os “mandamentos de Deus é a palavra de Deus ao ser humano; tanto no conteúdo como na forma, é palavra concreta ao ser humano concreto.”³⁶

Nesse contexto, é necessário que as pessoas confiem na possibilidade de amar, de não mentir, de por em prática os mandamentos herdados pelo Criador, para que possam se aproximar da graça que vem do Pai. Quanto mais próximos e obedientes são os indivíduos aos mandamentos de Deus, mais semelhantes a ele serão e, conseqüentemente, éticos.

Contudo, é preciso saber se o homem tem a convicção de estar caminhado na direção certa, com ética, ou seja, rumo a salvação, na obediência aos preceitos bíblicos, portanto, em busca da graça revelada por Deus nas Sagradas Escrituras.

Jaci Maraschin ensina que os seres humanos não têm “nenhuma certeza além daquela que é revelada por Deus e recebida pela fé.” Acrescenta, também, que o crer em Deus é o “crer” na direção de Deus, na caminhada para ele e não há como vê-lo tal qual um objeto que se pode assimilar fisicamente. Tampouco alcançaremos a Deus ao crermos nele. Mas ao contrário, é esse mesmo Deus que nos alcança com sua graça, seu amor, sua misericórdia.³⁷

A graça recebida do Criador faz com que a pessoa torne aspirante ao reino por ele preparado, e essa realeza, entendida pela Bíblia, significa que os seres humanos têm que ter em Deus uma direção para todos os problemas, principalmente os de caráter moral.

³⁴ COMPARATO, 2006, p. 520.

³⁵ O que seria encarado por Levinas como uma ética fraca.

³⁶ BONHOEFFER, 2005, p. 154.

³⁷ MARASCHIN, 1989, p. 27.

Por fim, é possível se pensar em ética como uma aplicação dos princípios teológicos que se adota. Portanto, uma ética sólida, depende da religião. Não seria possível vislumbrar uma reforma ética, sem base religiosa sólida e o alicerce é a palavra de Deus que aponta os caminhos a todos que estão preparados para seguir os seus desígnios.

Conclusão

Conforme ficou demonstrado no presente ensaio, o homem passa por tempos sombrios no que diz respeito aos valores e princípios éticos. Nesses dias que correm, a ética culmina quase que como moeda de troca no mundo, principalmente em países como o Brasil, que falta estrutura educacional sólida para seu povo.

Muito embora se possa vislumbrar um desgaste no uso demasiado da expressão, a ética continua desempenhando, nos dias de hoje, um papel fundamental na vida do ser humano. Vem se tornando, cada vez mais, uma bandeira que o indivíduo deve empunhar, não só nos discursos, mas especialmente no seu convívio diário com o semelhante, servindo de modelo, de exemplo.

O bem da vida é a liberdade. Não há como acreditar no ser humano que vem ao mundo com desejo de não ser feliz. A felicidade é o mesmo que viver com autonomia, independência. Mas para isso é necessário que o indivíduo incorpore em sua alma os princípios morais e éticos.

Por isso, o homem tem a obrigação de promover o retorno aos verdadeiros valores sociais. Há que contribuir com perseverança, coragem e determinação para transformar esse quadro de descrença, de desânimo e nivelamento por baixo.

Uma vez havido o rompimento com os princípios de valores éticos existentes no ambiente social, o ser humano passa a viver sem direção, na corda bamba da perversão, no exílio do sagrado.

Com efeito, quanto mais próximos da verdade, do amor e da justiça, mais éticos os homens se tornam. A vida se resume ao meio social que o indivíduo vive, aos valores morais e éticos por ele promovidos.

Tudo na vida é determinado pela necessidade da natureza divina, nada é contingente. Deus não é contingente.

Ao contrário do homem, seu existir é real e infinito. Por isso, dele os seres humanos são dependentes.

Pode parecer fora de uma realidade ou de uma visão filosófica, mas para os seres humanos o viver não está resumido a um simples acontecer. Mais do que isso, o verdadeiro sentido da vida reside na comunhão entre eles e na consciência de sua finitude.

Por essa razão o sentido ético da vida depende do ter Deus, do buscar Deus, na família, na Igreja, no matrimônio, no trabalho, na educação, no Estado.

Referências

BERLOFFA, Ricardo Ribas da Costa. **Introdução do Curso de Teoria Geral do Estado e Ciências Políticas**. 1.ed. Campinas: Bookseller, 2004.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2007.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

COMPARATO, Fabio Konder. **Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KÜNG, Hans. **Ética mundial en America Latina**. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna. Madrid: Editorial Trotta, 2008. Traducciones de Gilberto Canal Marcos, José Manuel Lozano Gotor, Carlos Martín Ramírez, Alejandro del Río Herrmann y Rufino Velasco.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70. Lisboa, 2007.

MANSON, Thomas Walter. **Ética e o Evangelho**. São Paulo: Novo Século, 2003.

MARASCHIN, Jaci. **O Espelho e a Transparência. O Credo Niceno-Constantinopolitano e a teologia latino-americana**. Rio de Janeiro: Coleção Protestantismo e Libertação, 1989.

SPINOZA, Baruch. **Tratado Teológico-Político. Tratado Político**. 4. ed. Madrid: Tecnos, 2007. p. 158. Estudio preliminar y traducción de Enrique Tierno Galvan.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Edição Bilingüe Latim-Português. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Tradução Tomaz Tadeu.

TAMAYO, Juan José; FARIÑAS, Maria José. **Culturas y Religiones en Diálogo**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermão do Bom Ladrão e outros sermões escolhidos**. Seleção e introdução de Frederico Barbosa. 3. ed. São Paulo: Landy, 2003.

ZABATIERO, Julio. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.